Exclusivo

ECONOMIA

1973 - 2023: Miguel S. Aubyn, Pedro Brinca e Ricardo Paes Mamede analisam os últimos 50 anos da economia portuguesa

Nos 50 anos do Expresso, ouvimos três economistas sobre as principais transformações da economia portuguesa desde 1973, traçando um balanço sobre a aproximação aos níveis de vida e padrões europeus. Todos concordam que Portugal é hoje um outro país, mas alertam para o fraco desempenho económico das últimas duas décadas

9 JANEIRO 2023 7:10

Sónia M. Lourenço
Jornalista

ÚLTIMAS

Vinho português à beira de bater recorde nas exportações

"Zelensky ouviu os EUA e a UE": Ucrânia avançou muito no combate à corrupção (mas também deu passos atrás)

O "revolucionário" James Webb "alinhou-se com as expectativas mais ambiciosas": eis as proezas mais cintilantes no primeiro ano de trabalho

Medina deixa Parlamento sem respostas sobre fecho de balcões da Caixa Geral de Depósitos

Em cinco décadas, muita coisa mudou na economia portuguesa. Da especialização sectorial (menos agricultura e indústria e mais serviços), à orientação para o exterior (muito maior), passando pelo aumento das qualificações da população, e pela integração na então Comunidade Económica Europeia (atual União Europeia), são múltiplas as transformações.

O Expresso ouviu Miguel S. Aubyn, professor do ISEG e membro do Conselho das Finanças Públicas, Pedro Brinca, professor da

Nova SBE, e Ricardo Paes Mamede, professor do ISCTE-IUL, sobre o caminho percorrido pela economia portuguesa desde 1973. E numa coisa os três concordam: este país está muito longe do que era.

Veja as respostas às perguntas, em discurso direto.

Olhando para a economia portuguesa hoje e comparando com 1973, que mudanças destaca?

MIGUEL ST. AUBYN

É um país completamente diferente. Portugal era um país pobre e com uma população muito pouco qualificada: um em cada quatro portugueses com mais de dez anos não sabia ler ou escrever. As condições de habitabilidade na década de 70 eram para muitos completamente degradantes. Na altura com uma população bem mais jovem, muitos emigravam em busca de melhor vida ou para não terem de combater na guerra colonial, que tomava conta de fatia importante da despesa pública. Os interesses económicos instalados contavam com o poder político para a sua proteção, tanto da concorrência interna ou externa como das revindicações laborais. As assimetrias regionais eram gritantes, com enormes dificuldades de acesso à modernidade se se estivesse um pouco mais afastado dos principais centros urbanos. Cinquenta anos depois, temos uma economia e sociedade democráticas, plenamente integradas na Europa, abertas ao mundo, com uma população mais instruída, mais preparada, e com condições de vida, tanto no acesso a bens materiais, à habitação, à educação, a cuidados de saúde, a diversos bens públicos, incomparavelmente superiores. Face à situação de meio século atrás, o tecido empresarial português é bem mais concorrencial e mais próximo das melhores práticas disponíveis.

PEDRO BRINCA

A economia portuguesa passou pela transição típica que outros países passaram em termos de especialização sectorial. Em 1973, o sector primário ainda era o que empregava a maior percentagem da população, com mais de um terço do emprego. Mas volvidos 50 anos, representa apenas perto de 3% do emprego, com o sector secundário a ter diminuído também de 34% para 25%. E o sector terciário, que tinha a menor percentagem, absorve hoje 73% do emprego. Apesar de este processo ser semelhante ao que outros países também passaram, mesmo em termos de ordem de magnitude, a grande incapacidade tem sido não no sector de especialização, mas no tamanho das empresas. Portugal tem um tecido empresarial dominado por micro e pequenas empresas, que absorvem quase o dobro do emprego das grandes empresas, mas que geram mesmo assim muito menos valor acrescentado como um todo. Esta incapacidade do tecido empresarial de ganhar escala e subir na cadeia de valor tem sido um dos principais obstáculos à melhoria dos níveis de vida no país.

RICARDO PAES MAMEDE

É uma economia muito menos baseada no sector primário, menos baseada no sector secundário, com maior presença de serviços públicos, mais dependente do turismo e com maior peso de actividades intensivas em conhecimento (em particular no sector dos serviços). É também uma economia muito mais integrada nas dinâmicas internacionais, tanto ao nível do comércio como do investimento.

Como avalia o caminho percorrido pela economia portuguesa nos últimos 50 anos? O que correu melhor?

MIGUEL ST. AUBYN

Pela positiva, destaco a enorme evolução nos cuidados de saúde, com um sistema que, não obstante as suas diversas ineficiências, não deixa de fortemente contribuir para que se alcancem resultados neste âmbito a par dos países mais desenvolvidos do planeta. Também a expansão do sistema educativo, em quantidade e em qualidade, com um assinalável incremento da preparação das gerações mais jovens. Em terceiro lugar, avanços muito significativos na segurança e na proteção social. Quarto, uma grande melhoria nas acessibilidades, sendo atualmente Portugal um país "mais pequeno", mais próximo, e regionalmente mais integrado. Saliento ainda uma muito maior abertura ao exterior, com plena integração na União Europeia, nas suas práticas e nas suas instituições, incluindo a adoção do euro, o que, no seu conjunto, em muito beneficiou Portugal. E, por fim, a modernização, ainda que incompleta, de vários setores da economia portuguesa, tanto na agricultura, como na indústria e nos serviços, com diversas empresas mais competitivas, mais produtivas, e, espera-se, capazes de proporcionarem melhores rendimentos salariais.

PEDRO BRINCA

Ao nível dos recursos humanos e das qualificações houve uma melhoria dramática. Apesar de partirmos de uma base baixa (segundo o INE em 1970 cerca de 26% da população não sabia ler nem escrever) e estarmos ainda na cauda da Europa (Portugal é o país da UE27 com uma maior percentagem da população entre os 25 e 65 anos sem o ensino secundário completo), as melhorias foram evidentes. A taxa de analfabetismo desceu para cerca de 3% da população, e em 2021, segundo dados da PORDATA, de entre os cerca de 8.7 milhões de residentes com mais de 16 anos, 24% tem formação superior e cerca de metade da população tem o ensino secundário completo. No princípio dos anos 70, a percentagem de licenciados era cerca de 1%. Temos ainda muito caminho a percorrer, partimos de uma base mais baixa do que outros países da Europa, quiçá por sermos uma das democracias mais jovens da europa, mas temos conseguido encurtar caminho.

Infelizmente esta evolução não foi acompanhada por outras variáveis.

RICARDO PAES MAMEDE
O balanço é globalmente positivo, apesar do fraco desempenho das últimas duas décadas. A economia portuguesa é hoje mais capaz de proporcionar: bens e serviços de maior qualidade a preços mais acessíveis à maioria da população; empregos mais bem remunerados e de maior qualidade; serviços públicos quase universais; produtos de maior valor acrescentado e mais competitivos à escala internacional.

E o que correu pior?

MIGUEL ST. AUBYN
Primeiro, a evolução do sector da habitação, com uma incoerência óbvia e grave entre a oferta, escassa e cara, tanto no mercado da venda como no do arrendamento, face às necessidades da população, nomeadamente mais jovem. Para além do efeito direto sobre as condições de vida, não ficam asseguradas as necessárias condições tanto de estabilidade como de mobilidade, com consequências muito negativas na atividade económica e social. Também uma evolução territorial desordenada, em muitos casos desrespeitadora do ambiente e das nossas riquezas naturais e patrimoniais, gerando aglomerações urbanas sem graça, de vivência difícil, mal servidas de transportes e de serviços públicos. Terceiro, um crescimento económico que, e sobretudo na segunda parte da metade de século que aqui consideramos, se tornou medíocre e abaixo do expectável para um país que ainda se encontra entre os mais pobres da União Europeia. Quarto, a persistência de manchas de pobreza muitas vezes necessariamente mal disfarçada, e que não se deveriam tolerar no século XXI. Quinto, a manutenção de diversas ineficiências e mesmo de arcaísmos na Administração Pública, por exemplo patentes na reconhecida lentidão do sistema de

justiça. Sexto, a tendência para a sobrevalorização de objetivos de curto-prazo face à decisão mais estratégica, o que tem o seu reflexo financeiro em má despesa, na acumulação de dívida e no adiamento de investimentos fundamentais. Sétimo, a incapacidade de romper definitivamente com uma cultura pouco democrática e que vem de trás, caracterizada pela desconfiança nas soluções institucionais ou formais, pela preferência por expedientes locais, pequenos ou familiares, em detrimento do arrojo necessário a uma economia e sociedade verdadeiramente modernas. E, por fim, a evolução demográfica, com a taxa de natalidade que diminui e de imigração que aumenta, por más razões que decorrem de baixas expetativas em relação à evolução futura das condições de vida no território nacional.

PEDRO BRINCA

No que diz respeito à intensidade de capital, a revolução marca, precisamente, uma quebra no processo de capitalização da estrutura produtiva que teve uma aceleração acentuada a partir do princípio da década de 50. Segundo Bergeaud, A., Cette, G., e Lecat, R. (2016), o stock de capital (ajustado para a paridade do poder de compra) por hora trabalhada em Portugal era em 1973 idêntico ao espanhol, cerca de 61% do francês e 67% do alemão. Mas chegados ao princípio da segunda metade da década de 2010, o mesmo indicador era apenas 62% do espanhol, 49% do francês e 55% do alemão. Apesar de ter mais do que duplicado, este crescimento ficou muito aquém do que outras economias da europa conseguiram melhorar nos últimos 50 anos. Para isso não terá ajudado uma descida acentuada da taxa de poupança, que é hoje menos de metade do que era na altura, nem um aumento brutal do endividamento público (cerca de 20 vezes maior hoje do que em 1974, quando era apenas 14%), que terá absorvido uma percentagem cada vez maior dessa poupança cada vez menor.

RICARDO PAES MAMEDE

Os aspetos menos positivos são o aumento acentuado da dívida externa, uma desindustrialização excessiva, um padrão

desequilibrado de ocupação do território e o quase desaparecimento de empresas com capacidade de arrastamento sobre o tecido produtivo nacional. A economia portuguesa teve dificuldade em ajustar-se às mudanças verificadas na economia internacional - em particular, o alargamento da UE a Leste, a presença hegemónica da China no comércio internacional e a criação do euro.

Nestes 50 anos tornámo-nos mais europeus? Aproximámo-nos dos níveis de vida e dos padrões europeus, e dos padrões europeus? Que avaliação faz dessa aproximação?

MIGUEL ST. AUBYN

Sim, nestes 50 anos tornámo-nos mais europeus. Já não se diz, como nos anos 70/80, "vou à Europa", como se estivéssemos para cá de uma qualquer fronteira mental que nos afastasse do continente em que sempre nos situámos, e para cuja história aliás contribuímos de forma muito significativa. No entanto, somos vítimas de uma restrição económica que a todo o momento se faz sentir. Somos europeus pobres. Os nossos rendimentos, nomeadamente salariais, são bem inferiores aos que caracterizam a média da União Europeia. As expetativas, por um lado, o efeito de demonstração, por outro, e ainda a efetiva possibilidade de mobilidade para alguns, nomeadamente mais jovens e qualificados, contribuem para um sentimento depressivo nesta matéria, que é reforçado pela equalização transfronteiras de custos em bens cada vez mais internacionalmente transacionáveis, dos bens alimentares aos automóveis passando pelos combustíveis, e também em bens duradouros antes relativamente ao abrigo, com o exemplo evidente dos preços da habitação.

PEDRO BRINCA

Em termos sociais, sem dúvida que estamos mais próximo dos padrões da média europeia, mas não há convergência social sem convergência económica e esta tem sido um problema nos últimos 20 anos. Se após a revolução passamos por um período complicado em termos económicos, a segunda metade da década de 80 e a adesão à CEE marcou o arranque de um processo de convergência económica, que abrandou e ter-se-à invertido durante a década de 2000. A convergência social manteve-se ainda durante mais alguns anos à custa de endividamento massivo de empresas, famílias e estado, mas todo este processo culminou com a crise de divida soberana de 2011 e, desde então, os progressos têm sido muito limitados nesse processo de convergência, ficando aquém do que outros países que até eram mais pobres do que Portugal, mas que têm feito progressos extraordinários e muitos deles até já ultrapassaram Portugal, principalmente a leste. Claro que os números relativos são relativos e escondem melhorias brutais em indicadores básicos de nível de vida. No princípio da década de 70, menos de metade das casas tinha água canalizada, apenas 60% estava ligado a uma rede de esgotos e/ou tinha instalações sanitárias. Hoje virtualmente todas as habitações têm acesso a ambos. Os progressos na mortalidade infantil, por exemplo, foram fantásticos e a percentagem de óbitos ocorridos em crianças até aos 5 anos de idade diminuiu uma ordem de magnitude, de 5 em 100 para 0,4%.

RICARDO PAES MAMEDE

Em termos estruturais, a economia portuguesa é hoje muito mais semelhante às economias europeias do que era há 50 anos no que respeita a aspectos como o peso dos sectores primário e secundário, a dimensão relativa do Estado ou grau de abertura ao exterior. Por outro lado, aumentou a sobreespecialização no sector do turismo (à semelhança do que aconteceu com outras economias periféricas do sul da UE). Os padrões de consumo são mais semelhantes, apesar das diferenças significativas de poder de compra face às economias mais ricas.

Ao nível dos comportamentos, nomeadamente de consumo e de poupança, também nos tornámos mais europeus?

MIGUEL ST. AUBYN

Os comportamentos, económicos e não só, as ambições, os valores, os padrões diversos, as instituições, parecem-me muito mais próximos dos que caracterizam outros povos europeus, face a cinquenta anos atrás. Melhor ainda, Portugal, no plano dos costumes, passou de país muito conservador a uma sociedade comparativamente mais livre (por exemplo, o casamento entre pessoas do mesmo sexo tornou-se legal em 2010, antes da Dinamarca, de França ou da Alemanha).

PEDRO BRINCA

Verificou-se uma descida acentuada da taxa de poupança, que é hoje menos de metade do que era na altura.

RICARDO PAES MAMEDE

Não creio que se possa falar de um padrão europeu de poupança, dadas as grandes diferenças entre economias nacionais, que refletem os níveis de riqueza, a estrutura demográfica, e aspetos históricos específicos, entre outros.

RELACIONADOS

Portugal era uma das lebres da Europa nos anos 70, hoje é uma tartaruga

Croácia entra na zona euro com forte desaceleração económica: como compara com Portugal?

Roménia cresce mais, Portugal é mais desenvolvido

+ Exclusivos

GUERRA NA UCRÂNIA

"Zelensky ouviu os EUA e a UE": Ucrânia avançou muito no combate à corrupção (mas também deu passos atrás)

CIÊNCIA

O “revolucionário” James Webb “alinhou-se com as expectativas mais ambiciosas”: eis as proezas mais cintilantes no primeiro ano de trabalho

ECONOMIA

Medina deixa Parlamento sem respostas sobre fecho de balcões da Caixa Geral de Depósitos

INTERNACIONAL

Invasores de Brasília podem ser julgados por terrorismo e arriscam penas de prisão superiores a 30 anos

+ EXCLUSIVOS

SITES DO GRUPO IMPRESA

SIC
Opto SIC
SIC Internacional
SIC Notícias
SIC Radical
SIC Mulher
SIC K
SIC Caras
SIC Esperança
Fama Show
Expresso
Blitz
Boa Cama Boa Mesa
Tribuna
Advnce
Volante SIC
GMTS
InfoPortugal
Olhares
SIC International Distribution

IMPRESA © Todos os direitos reservadosApresentação do Grupo . ContactosInvestor Relations . Responsabilidade Social
Lei da Transparência